



# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmiento

## CADERNOS DE FOTOGRAFIA.

SARMENTO, Francisco Martins

Ano: 1994 | Número: 104

---

### Como citar este documento:

SARMENTO, Francisco Martins, Cadernos de Fotografia. *Revista de Guimarães*, 104 Jan.-Dez. 1994, p. 11-49.

---

Casa de Sarmiento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmiento, 51  
4800-432 Guimarães  
E-mail: [geral@csarmiento.uminho.pt](mailto:geral@csarmiento.uminho.pt)  
URL: [www.csarmiento.uminho.pt](http://www.csarmiento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.  
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>



## Cadernos de fotografia\*

Sarmiento, Francisco Martins

Revista de Guimarães, n.º 104, 1994, pp. 11- 49

1869

**18 de Junho** – Retrospecto: resumo.

Lá vão dez meses depois da minha última triunfal exclamação. Os últimos retratos que tirei em Agosto do ano passado foram, se não erro, os do Eduardo e D. Jerónimo, cujos clichés conservo, e que padecem do achaque de pouca exposição. De resto, podem chamar-se excelentes.

E meteu-se mês e meio de Serra, e à volta mau tempo, preguiça, etc., de sorte que não pus mais mão em fotografia, até que o filho do Salazar precisou dum retrato do Mendes Ribeiro para por ele tirar um a óleo, e veio bater à minha porta, a pretexto de lhe ter o Cardoso fechado a dele.

Seria isto em Fevereiro. Fui-me ao atelier. O inventário dos desastres roga especial menção.

Os dois vidros com colódio, que tinham ficado no quarto escuro estavam gelados. (Não atinei ainda com o modo de os degelar. O éter e o álcool atacam-no um pouco – quase nada).

Os chassis estavam empenados; as corrediças tinham inchado dentro. O meu amigo pintor fê-las sair, pouco a pouco, depois de longo manear, pelo processo por que os pedreiros desencabam os picos – batendo nas pontas da bainha da corrediça: esta vem subindo pouco a pouco.

Os outros desastres eram devidos a humidade.

Por fortuna o colódio que tinha na estante escapara à fossilização pelo gelo. O pintor andou para trás e para diante e não fez nada. Pus-

---

\* Continuação da página 154 do Volume 100 da *Revista de Guimarães*.

me eu à obra; mas para tirar um cliché regular foi preciso dar-lhe 22 segundos de exposição. Eu não sabia esta coisa, que dizem ser corriqueiríssima: a luz do inverno é muito mais fraca. Os livros não falam nisto – que eu saiba. É um capítulo omissos, como o das miras.

Depois deste trabalho e atenta a estopada da exposição, deixei-me de mais.

Recomecei nos fins de Maio. Em três ou quatro vezes que tenho trabalhado, aqui está o resultado.

O melhor cliché foi o da minha irmã Joana. Dá-me o retrato mais nítido e regular de quantos tenho tirado até hoje. Comparando-o com o do D. Jerónimo, o melhor antes deste, dir-se-á que este é melhor. No entanto não é assim. Olhado por transparência o cliché não apresenta os escuros muito cerrados, mas o certo é que na prova positiva os claros são bons. Noto-lhe um polido de casca de cebola, sempre de mau agouro, e chegado à metalização, que atribuí à concentração do nitrato de prata do banho de ácido pirogálico; mas este acidente nada lhe tira à nitidez.

Teve 13 segundos de exposição, com cortina branca do poente (na varanda).

Todos os demais retratos (dos pequenos, da Maria, do António do Salgueiral) saíram regularmente maus. Lendo, há pouco, o jornal do que deixei escrito, o ano passado surde-me a ideia de que o defeito de todos estes clichés lhes vem da exposição demorada, que ataca os claros. É ter sempre presente o cliché do Eduardo, pois, suposto seja fraco, é duma nitidez admirável (7 segundos; 9 horas da manhã).

Assim a exposição deve ser pouco acima de 9 segundos – antes achar o meio de reforçar a prova.

E ter sempre presente que é loucura tirar retrato, quando o modelo não aparece com toda a nitidez no vidro despolido – o que às vezes tolhe algum reflexo perto da luz, quer venha do modelo, quer doutra parte.

§. Notemos outra coisa. Insisto em dizer que o papel sensibilizado de fresco e demasiado branco dá mais resultado. Papel escuro, não; mas sem a cor desagradável da cal, prefiro-o.

§. O ano passado, quase todo o papel, ao fim das lavagens todas, saía-me pérola escura. Atribuía eu este defeito a demasiada luz, como ao mesmo efeito atribuía o não sair claro o retrato do D. Jerónimo, que julgava quase excelente, como cliché.

Quanto à escuridão do papel é possível que a muita luz lha dê; mas quem quiser dar-lha sem isso, basta que tirando a prova da prensa a lave em bacia que tenha servido a hipossulfito de soda. Nada de alutado; e o papel fica pérola escuro.

Aviso importante: cada bacia para um destino só.

Quanto a tornar branco o retrato do D. Jerónimo, não pode ser. O cliché está fraco, e aqui se diz tudo.

Que há a fazer? Evitar a sequela da pouca e da muita exposição. Achar meio de reforçar o retrato que teve pouca...

**20. Desastre.** O cliché do Eduardo, que por pouco era excelente tem-me dado lugar a ver a necessidade de seguir o andamento da luz na prova positiva. Como o cliché é fraco, a luz ataca apenas os claros, e é estes que é preciso ter sempre de vista. A prova positiva que tirei hoje, se bem que tirante a cor de café, por fraqueza do banho de ouro, estava um pouco tónica. Chegemos ao desastre. Foi ao colar. A minha cola em vez de ser dextrina é cola do Alemão. Sucedia-me às vezes que depois de colados, polindo-os logo com o ceroto – malhas amareladas começavam a aparecer, que me pareciam ser a cola um pouco suja que se espremia pelos poros do papel. Assim tinha cuidado de só lhe aplicar o ceroto, depois de ver a prova bem seca. Ai! bem – hoje as malhas apareceram mesmo no acto da colagem; enquanto que no retrato da Maria que saiu assim-assim – nada de manchas, apesar mesmo de ser encerado.

Que concluir? Que as malhas lhe vêm da cola, o retrato do Eduardo prova-o. Agora é algum pedaço de papel pouco denso que dá lugar a elas? Sucederá o mesmo com a dextrina? Experimentemos a dextrina, ainda que não seja senão para ver como a coisa se faz.

★

**Provas positivas.** As provas positivas não são de extrema facilidade. O banho de ouro posterior ao de hipossulfito pela receita francesa parece-me melhor, se bem que só usei dela uma vez. O amarelo do hipossulfito passa para um violeta tinto e lustrosa.

Na receita do Novais é preciso que a prova seja vigorosa, senão arrisca-se a passar para um azulado desagradável e baço. Parece mesmo que uma prova vigorosa vira mais depressa. Hoje virei uma em

menos de 10 minutos no mesmo banho, onde cansara uma prova fraca do mesmo cliché.

Assim tudo se relaciona – um bom cliché, com uma prova positiva vigorosa, sem alteração dos claros, e facilidade na viragem. É preciso não ter pena de gastar ouro. Quando a prova está regularmente vigorosa e não vira aos primeiros minutos é reforçar o banho com algumas gotas de ouro.

★

**Os negativos.** O segredo dos negativos está na exactidão do tempo de exposição. Nem mais, nem menos. Determiná-lo – aí está o segredo. Hoje, às 2 ½, com um sol vivíssimo um retrato da Ermelinda em 8 segundos saiu excessivamente velado – outro em 4 muito fraco. Em certas horas, um segundo estraga um retrato.

★

**21.** É decididamente o diabo que se me meteu na máquina! Não posso lembra-me, sem uma estúpida surpresa, do modo porque me saiu bem, melhor que o dele, o cliché que tirei diante do Novais, e como em seguida nunca mais pude tirar outro igual! Como se explica isto? O dia estava encoberto – teve 11 segundos de exposição; mas em seguida com 11, com menos, nunca o vigor daquele cliché veio. Isto deveria levar-me a decidir que o dia encoberto não era estranho à coisa – e a verdade é que a luz excessiva deve penetrar na máquina e danificar um pouco a sensibilidade. Então seria preciso tirar um com o diafragma médio. Em abono, os retratos do Eduardo e do D. Jerónimo foram tirados das 9 para as 10. É a luz difusa que nos manga?

É preciso saber também o que significa a metalização dos claros (no retrato), não só metalização, mas um como queimado por reflexo, ainda que por transparência sejam diáfanos. É o banho concentrado?

★

**Positivos.** Bride manda ter as provas positivas 15 minutos em água. A verdade é que a prova com banho de água prolongado fica mais refractária à viragem. Isto é importante. A minha opinião é que se devem virar logo que a água do banho não acuse vestígios de prata.

★

**22. Os diafragmas.** O queimado dos claros. As experiências de hoje habilitam-me a responder um pouco às perguntas de ontem. A primeira experiência que quis tentar foi a de aplicar ao retrato a lente simples, que, como se sabe dá maior nitidez à prova. Foi-me impossível porque o teatro de operações era a varanda e a lente simples tem um foco mais longo que a extensão da varanda. Pelo menos decidi eu isto, sem tentar distanciar a máquina, por causa dos espectadores (estucadores). Feito o salão, a máquina daí pode trabalhar talvez bem.

Experimentei com o diafragma médio; mas a lentidão é excessiva. O dia estava encoberto, é verdade; mas num paêntesis de sol claro, à 1 ½, num cliché meu, por desgraça fora do foco, gastou 35 segundos. Para a Ermelinda (tempo coberto, 30; para mim 40 não é demais. Dois retratos que tirei meus com 35 saíram fracos, mas há a notar uma particularidade importantíssima. Nos retratos (clichés) fracos, mas tirados a uma luz viva, e seu defeito mais insuportável é falsear toda a perspectiva, pois o vulto mal destaca do fundo. Aqui não; o retrato está fraco, mas destaca perfeitamente, e – coisa mais notável ainda – o cliché da Ermelinda que está vigoroso salva mais esta perspectiva do que os meus, com estarem fracos! e é nestas condições que convém aplicar o conselho de Monckhoven "antes fraco que forte" (o cliché). É que há um limite à sensibilidade da placa.

É que a placa sensibilizada não quer ser tratada abruptamente pela luz. É preciso que as meias luzes tenham o seu tempo de acção tão pautado, como as luzes vivas, sem o que nunca acaba a sua tarefa e passa além, para estragar. Assim, o diafragma não é senão o moderador da luz viva, para dar à meia luz o tempo de produzir a sua acção com *consciência*. Acho pois que o diafragma médio não serve (por não atingir bem aquela lei da proporção) para retratos à sombra. Fiz uma intermediária, para estar convencido se daria melhores resultados.

Este segredo fotográfico, em que comecei a verificação prática precisa deve ser bem estudado.

§. Quanto ao queimado dos claros (do cliché), creio que vem da alteração do cianeto de potássio; porque hoje, ficando-me um cliché

sujo com o cianeto que ainda de véspera ficara no copo, com cianeto do frasco pouco limpo.<sup>a)</sup>

§. Aparecem também no cliché uns raios brancos que não sei a que atribuir. Vêm já do banho de prata, e é algum resto de trípole que flutua na tona? É do banho de sulfato? veremos um dia isso.<sup>a)</sup>

§. Não deixo de mencionar o seguinte. No cliché a exposição lenta, os escuros mesmo fracos, parecem terem mais densidade que imagino se supõe. Um dos clichés fracos, à vista fraquíssimo, dá as partes iluminadas da face e testa, optimamente brancas. Tudo isto convém registar-se.

★

31 de Maio de 1870 (*après le foudre erotique*).

Há dias comecei os trabalhos fotográficos, abandonados, há um ano. Saí-me assim assim. Registemos as seguintes observações.

**Negativos.** Fugir da muita exposição. Hoje às 3 da tarde um cliché com 6 segundos saiu regular – talvez um pouco fraco. Cautela com o banho fixador. Muita luz e por pouco. Energia nela para os claros não adquirirem a transparência, *comme il faut*. Enquanto que houver aleitado no colódio e o cliché não está limpo; ficou muita prata com ele.

**Positivos.** O retrato com pouca exposição *vira* mais dificilmente, que outros com a precisa, ou demais (observação já feita atrás).

★

**Junho 8.** Mudei a câmara-escura para debaixo do patamar da escada. Vento – ares turvos; termómetro a 19-20 (centígrados). De três retratos meus, o melhor teve 25 segundos de exposição – e dir-se-ia que não era demais! É que com o banho a 8<sup>a)</sup> e a temperatura a 20, o azotato é pouco enérgico? É porque o *ar turvo* tolhe a intensidade da luz? É o diabo que se encarrega de mo suavizar? –

---

a) E outras vezes o que resiste? Vidro mal limpo?

a) Películas no banho de prata, decerto, é talvez vidro mal limpo.

a) Aliás a 10 – o que, quanto à temperatura, pode complicar mais a dificuldade.

Talvez seja tudo isto e mais alguma coisa. No entanto, é preciso ter muita cautela com a temperatura e com a pureza da luz.

– Uma observação importante é esta: apesar de serem os clichés mais fracos que fortes, o positivo vinha mal e tardio. É em consequência do turvo da atmosfera, sem dúvida – porque o sol, apesar de tudo, era fraco.<sup>a)</sup>

★

**9.** O banho de 10 abaixado não alterou em nada os clichés de hoje. Parece-me que o mal vem da exposição longa. Nem os escuros vêm densos, nem os claros transparentes. É como se não estivessem bem ao foco – é em suma o mal que os trabalhava antes da chegada do Novais. Se não fosse a lição deste, estimaria que a superfície do vidro despolido não condiz com a das placas; mas não é decerto isto. – Também antes da chegada do Novais esta ideia me vingou entre as trinta mil modificações a fazer. O segredo é que uma exposição longa daria uma revelação rápida – o campo do cliché denso, e aqui não sucede isto. Logo é o diabo. tentaremos uma exposição curta.

– Um relance pelo Monckhoven confirma-me que os clichés padecem do achaque da muita exposição. Passando o limite os claros embaciam, como os escuros. Pode mesmo notar-se em alguns clichés que a parte do modelo mais retirada e mais à sombra é a que está melhor desenhada, porque o tempo para o primeiro plano já passou. É preciso advertir que o que me afastou da pouca exposição foi a cor da casca de cebola dos clichés, nos densos, cor para mim de mau agouro, porque a cor agelatinada prova sempre melhor. Outros ficavam alutados, no campo, talvez por falta de energia do cianeto. Experimentaremos amanhã com exposições curtas.

★

**10.** Três retratos, tirados de manhã, ao ângulo sul do quintal e a toda a luz (10 horas da manhã), saíram 1.º da Ermelinda (6 segundos) exposição longa – 2.º (4 segundos), 3.º, 4.º (4 segundos) maus. Apesar da pouca exposição a revelação era rápida, mas o cliché ficava sempre pouco transparente nos claros.

---

a) Não havia véu?

Às 4 horas da tarde – teatro de operações patim do quiosque – pano de fundo: baeta preta para o lado dos campos – luz franca dos outros dois lados. 1.º retrato da Ermelinda, 6 segundos de exposição (diafragma mais largo) – mau, fraco. Com este cliché acabou-se-me o sulfato, e operei nos outros com o ácido pirogálico.

A primeira coisa a notar. A revelação veio mais lenta, lentíssima, mas com certa firmeza. Para abreviar, o último cliché meu gastou 40 segundos! Se bem que ainda fraco, pode chamar-se regular! Logo, mal-hajas tu, sulfato?

Eu deveria já ter notado que os clichés revelados com o ácido, me vinham mais finos. Não quero por enquanto outro revelador. É possível que o sulfato tenha a acção precipitada por falta de ácido pirogálico, mas se o ácido acético é mais fácil de compor e mais fino, preferiramo-lo.

Amanhã veremos a coisa sem diafragma e a melhor luz.

★

O cliché de 40 segundos tirei-o para positivo numa folha de papel, quase cor de café pela acção da luz. Se este *desconto* não engana, é o melhor retrato que tenho tirado, e com uma pouca de exposição mais ficaria perfeito. Uma prova a bom papel amanhã me dirá se estou enganado.

★

**11.** O desconto foi bem previsto. O retrato tirado em papel puro dá um positivo detestável e para se ver é preciso que o positivo seja fraquíssimo. No entanto, obstinei-me a trabalhar hoje sempre com ácido pirogálico. Às 11 um retrato da Ermelinda de 16 segundos fraco – de tarde às 3-4, um de 20 fraco; outro de 33 fraco nos escuros (véu de renda) – um meu de 50 fraco nos escuros (barba). Os escuros naturais não vêm mal; os claros naturais vêm claros demais. A combinação de claros e escuros fica atroz, como tirado ao sol. Do mais a lentidão da exposição é verdadeiramente insuportável.

Temos de voltar ao sulfato, mas eu desconfio da temperatura. Como é que o ácido precisa hoje de tão longa exposição – o sulfato de tão curta, quando dantes eram reveladores do mesmo tempo? É que estas substâncias estão alteradas? Não o creio.

O que afirmo é que o ácido pirogálico me dá resultados nada famosos. Experimentamos o sulfato, e minoremos-lhe a luz com o diafragma. Se assim não acharmos, mandamos ao diabo as fotografias. Estou cansado.

– É preciso assentar nisto – o ácido pirogálico dada a exposição curta até 50 não dá grandes resultados. Deixemo-lo pois. Operemos metodicamente com o sulfato – atenuemos-lhe a precipitação reveladora ou com ácido acético, ou com o diafragma, e espreitemos os resultados.

É claro que com o ácido, como com o sulfato há desarmonia na revelação dos claros, escuros e meias tintas. Os retratos das pequenas do Dardos têm os claros (rosto, etc.) de um negro cavado; as ramagens do véu precisariam muito mais exposição. Ah! bem é esta harmonia no revelador que se procura, e é evidente que trabalhando com o sulfato é preciso contar coma acção retardatória do ácido acético – e, porque o sulfato, quanto mais velho melhor (Bride) conservemos os resíduos.

★

**12.** Trabalhei com o sulfato. Minorei a luz pondo o modelo (Ermelinda) a 1 ½ metro dentro da soleira da porta – exposição 12 segundos. Fraco. 2.º À soleira, sem cortinas (operava com sol enevoado, não desenvolvesse de repente) – exposição 8.

O 1.º, já disse, é fraco. O segundo, atenta a demora no positivo dir-se-ia que teve exposição longa; mas o vulto, como no 1.º não destaca do pano de fundo. Cabelo pouco gravado; sombras naturais confusas. Nestes, como em outros que já tenho tirado, ou porque o banho de prata ou o do sulfato estejam impuros, o cliché ressent-se de dissoluções pouco limpas que lhe escorrem pela superfície e que se desenham depois. Leva-me a crer que o mal vem do banho de prata e que o sulfato revela desigualmente estas imundícies. Será também daqui que vem a pouca transparência das sombras naturais? O ácido pirogálico não deixa disto – o que arguiria contra o sulfato, que aliás foi filtrado; não foi mal lavado o copo e as bordas do vidro que o continha.

Estas experiências ainda me não provam nada.

*Remember*

**13.** Filtrei hoje bem os banhos de prata e sulfato. Todos os clichés saíram limpos. Posição de todos – um metro dentro da sala – cortina vermelha do nascente – janela do poente aberta.

1.<sup>a</sup> hora (Júlia) – 3 clichés. O 2.<sup>o</sup> de 26 segundos, um pouco fraco, mas nítido.

3, 4 da tarde – 2 da Ermelinda, 2 meus. Dos 2 primeiros, o 1.<sup>o</sup> fraco (28 segundos). Os 2 meus de 35 e 40 segundos bons, nítidos, talvez ainda fracos. Quanto à luz má – muita sombra.

É preciso chamar o modelo a mais luz e operar aí.

A temperatura era de 21; mas fresco, vento e tempo embrulhado.

Um novo colódio da Brisson deu os mesmos resultados que o Tomás, mas um e outro excessivamente fluidos, de sorte que às vezes foi preciso colodionar duas vezes, e, apesar de dar-lhe tempo a secar um dedo no alto da placa saía seco de colódio, do banho de prata.

É preciso registar esta observação, e averiguar se o colódio já um pouco seco danifica a iodoração.

Donde veio a fluidez do colódio? Eu reformei-o enquanto trabalhava do vidro do depósito; mas das outras vezes que o tenho feito, não tenho dado por este fenómeno. É a frescura que corre hoje, se bem que o termómetro marque 21? Não sei. Cumpre assentar bem nestas bases e ir verificar 1.<sup>o</sup> altura do banho de prata (8) 2.<sup>o</sup> grau certo do termómetro (20).

NB. Às trindades tinha frio.

★

**14.** Operei hoje a maior luz – no meio do patim – cortina preta do poente. Esmerei-me a procurar uma luz pura no modelo e a tirar-lhe a fulguração. Verifiquei que parte lhe vinha do reflexo do solo, para evitar com cortina vermelha no parapeito. Cumpre advertir que a cortina vermelha dá um reflexo vermelho sobre o modelo tão pronunciado que se podem seguir todas as suas gradações. A aproveitar. Outra fulguração – e a principal – vinha do contra-reflexo do papel preto envernizado com que tirara o sol da objectiva. Dando-lhe diferente inclinação evitei-lhe o inconveniente. A registar – as famosas fulgurações vêm do reflexo que entra na objectiva<sup>a)</sup>. A nitidez

---

a) E, principalmente, do modelo.

do cliché depende da nitidez da luz do modelo. Sem isto é loucura operar.

1.º retrato – Ermelinda, 12 segundos – fraco como negativo, muito regular na prova positiva. 2 meus – um de 20, outro de 25 segundos, na aparência fracos; não sendo o seu defeito maior má distribuição da luz. Esta fraqueza aparente nos negativos é um pouco singular, porque os claros do de Ermelinda são quase perfeitos. Um da Júlia com 16 fraco realmente! Estes foram tirados do meio dia até à uma hora. Dois meus que tirei a mim mesmo (sendo posto ao foco pela Ermelinda) um de 25, outro de 30 segundos fracos, às 3-4 horas.

O dado de mais de colódio era um dado de menos no banho de prata. (Tinha a bacia coberta com baeta – escusado).

É preciso levantar o interdito ao ácido pirogálico e experimentá-lo antes, com as condições luminosas de hoje. O mal todo veio sempre da luz. E é fora de dúvida que o tempo irregular que corre, nevoento, emborrascado e variável actua extraordinariamente sobre este agente, e que um dia puro trará a exposição muito abaixo.

★

**16.** Toda a luz, e toda é pouca. A exposição variava de 12 a 20 segundos. Com os dias que vão não se faz por menos. Um cliché do Manuel teve 20 – reduziu-se perfeitamente; é um bom cliché por transparência. Quanto ao positivo, assim. Um da Ermelinda de 14-16 e nítido como negativo e positivo; mais fraco – um de 20, regular...

Continuar a estudar a luz.

★

**17.** Cautela com a luz do docel; cautela com os reflexos de lado, principalmente nos olhos. A objectiva adoeceu desde o ano passado? porque é que com menos de 14, 15 segundos se não pode tirar um cliché que dê os *cabelos* bem desenhados?

**Positivos.** Ontem tirei 5 positivos, que graduei perfeitamente. A viragem corria, voava. Era banho novo. Hoje com o mesmo, e mais um pouco de ouro, já assim não sucedeu. Não admira. O que é preciso assentar contra a opinião de Monckhoven é que a viragem se deve fazer furtada à luz. Hoje as provas tiradas no quintal escureceram espantosamente. As de ontem são puras.

Já me lembrei de mandar vir um objectivo alemão.

– É preciso fazer a seguinte experiência: hoje, um retrato meu com 25 segundos (4 da tarde) não desenha bem a barba. O cliché é cerrado – tarda a dar positivo, mas regula. É preciso prolongar a exposição até **dar barba** aos retratos. É ponto sempre procurado e nunca alcançado. *Quærens...*

★

**18.** Antes de trabalhar, todo o fotógrafo deve conhecer as substâncias com que trabalha, e entre estas figuram especialmente as que compõem o colódio. Sendo bom adquirir uma boa receita de fazer colódio, para estar senhor das tontarias, em que ele cai. Por agora deve-se advertir que o colódio deve sempre ser tenuíssimo, e portanto convém adelgaçar com álcool o com que trabalho. Colódio fino, gravura fina. É natural.

★

**19. Negativos.** Hoje operei às 4 da tarde. Tirei um retrato a mim mesmo, tendo sido posto ao foco pela Ermelinda, que mandei logo embora. Nada de cortinas laterais. 25 segundos. Fraco um pouco, mas nítido, mesmo no positivo, salvo talvez a barba. O segundo de 30, mais denso, mas fora do foco... Logo – toda a luz. Luz intensa, melhor desenho.

**Positivos.** O retrato vira melhor, quanto mais carregado na exposição (dos positivos). Um velho da Ermelinda, que estava nestas condições deu um fundo negro, quase de veludo.

★

**20.** Hoje vistas, do varandim 3, 4 horas. A primeira 16 segundos, lente simples, (como todas as outras) diafragma *minha*. Julguei o cliché cerrado com exposição a mais. Tirei mais duas (Costa, Misericórdia) e a 1.<sup>a</sup> era da meia laranja, 10 e 12 segundos. Pareceram-me boas. Indo às provas positivas, a primeira estava fraquíssima; as outras imagine-se.

A vista do Castelo que tirei, o ano passado, foi de 6 segundos, lente dupla, sem diafragma – distância menor. Calcula-se por aí. A 1.<sup>a</sup>

vista deveria ter talvez o duplo de exposição, ou mais. Talvez amanhã, de manhã. – NB. todos os modelos eram ao sol.

★

**21. Vistas.** Uma às 11 – meia laranja – lente dupla – diafragma meu, 30 segundos – cerrado. Outra velado e fraco. De tarde lente simples, sem diafragma, 4 horas, 13 fraco, e velado. Não entendo.

★

**22.** 4 horas – lente dupla – duas torres – 20 segundos – velado e fraco. Revelado rapidamente a ácido pirogálico. Calor enorme.

**Vária.** §. O ácido pirogálico exige mais longa exposição – é corrente nos autores. §. Não precisa reforçadores. Os reveladores não dão bom *modelado* e vigor ao mesmo tempo; ou dão uma coisa ou outra. §. Os vidros usados dão melhores provas, por mais fáceis de limpar. §. Os vidros limpam-se melhor no verão – no entanto o inverno, por causa da humidade, é mais fácil para as operações, mais no que respeita a vidros (Brebisson?).

★

**23.** Hoje 2 retratos a mim mesmo, tendo sido posto ao foco pela Ermelinda (a régua, graduada antigamente, dá perfeitamente – resta marcar a cadeira e a altura da lage de *appuié-tete*). Primeiro tinha tirado um à Ermelinda de 18, 19, que saiu um pouco fraco. O meu primeiro de 30 um pouco fraco, mas nítido. Dei-lhe pouco reforço positivo; amanhã verificarei se pode com mais.

**Novidades.** – Duas camadas de colódio (já o tinha feito na véspera – na suposição de reunir assim mais nitrato a reduzir). Aqui pode pôr-se uma observação muito útil e que os senhores tratadistas acham inútil participar-nos. A segunda camada de colódio igualiza as falhas da primeira. Corre mais igual; dá pois uma superfície mais plana e polida.

Limpei os vidros, molhando-os primeiro com água em jorro. A temperatura deles desce consideravelmente. Entendo que é uma vantagem. Esta ideia veio-me de ler em algures que o processo a colódio operava por via húmida, e tenho tido mesmo a ideia de

interpor entre a objectiva e a placa um copo de água, como *purificador* do raio químico de luz. Ainda o experimentarei, se este *muro* não deformar a imagem, ou mesmo a der. O segundo retrato veio-me fora do foco e atribuo a coisa a ser a máquina mexida pelo C...\* que apareceu no intervalo em que eu preparava a 2.<sup>a</sup> placa. Dei-lhe 40 segundos e há no cliché maior vigor. Hora – 4 da tarde.

O C... promete ensinar-me segredos fotográficos, e do colódio, etc. *Allons...*

O que me deu já é o seguinte:

Banho de prata a 6; sulfato a 4 no verão.

Para o banho sensibilizado dos positivos indica a receita barata do Novais. Para banho de viragem 1 de ouro para 2000, e acetato de soda em vez de bicarbonato. Nada de lavagem de água. Os positivos passam sem lavagem para o banho de ouro, que aluta.

Pano de fundo quando não haja mais escuro. É natural.

Atelier moderno:

**A**, alto tapado: **B**, **C**, lados envidraçados. O atelier exemplar para Monckhoven é isto mesmo, mas o alto é envidraçado também.

Os positivos devem ser tirados à sombra. Ao sol ficam ásperos, se, pelo menos, se não intercepta a luz com um papel cetim.

★

**24.** 1 hora. Cliché da Maria, 20 segundos – cortina só do nascente. Retrato chato – de rosto, nítido e com vida. Tempo mais fresco – sol enevoado. Revelador, ácido pirogálico.

– **Positivos.** Os positivos metidos logo no banho de ouro, sem lavagem preliminar dão bem. Mas dois ficaram um pouco velados. Vi que no banho de hipossulfito aclararam muito. Estudar sempre.

★

**25. Positivos.** Porque aclaram os positivos no banho de hipossulfito? Com o processo de os virar sem lavagem preliminar, este

---

\* Nome ilegível.

fenómeno segue-se a olho. O hipossulfito limpa--lhe a camada alutada, em suma a *epiderme* que a prata forma sobre o papel.

★

**26.** 3 de manhã (dois pelo R. de Menezes – o último dele por mim) 1.º (J. Minotes) 18 segundos – 2.º J. de Barros, 20 segundos - 3.º R. de M. – 25. O melhor é o primeiro, por bem modelado, mas um pouco fraco. O último, que parecia bom, ao revelar, está velado nos claros. O modelo tinha cintilações, mormente nos olhos. É a parte obscura. O José, que eu pus ao foco estava nítido. É claro – sem modelo nítido, escusado procurar tirar cliché nítido.

De tarde dois da Júlia – de 20 segundos nítido – fraco um pouco. Os positivos deste dia n.º \* têm um aspecto diferente dos outros, que já lhes vem dos negativos. A redução é fraca. É por ter abaixado o banho de sulfato a 5?

Até aqui era às avessas. A revelação nos claros era cerrada e dava os positivos n.º \* , sem que deixasse sair os escuros.

Será preciso procurar uma harmonia matemática entre o banho de prata e o de sulfato? Porque não pô-los ambos no mesmo grau – 7 – ?

NB. É preciso obter que não seja preciso repetir a operação do banho de sulfato, nem reforçá-lo. Operaremos duma vez.

**Positivos.** Os positivos sem lavagem de água dão bem.

Calor forte; mas às 9 (noite) o céu estava toldado, e havia fresco.

★

**27.** N.º... \* 40 segundos – 1 da tarde – tempo enevoadado.

★

**28.** Operei com banho de sulfato até à saturação. Deu-me clichés e positivos já conhecidos, e cujo efeito eu não compreendi. O cliché

---

\* Em branco no manuscrito.

\* Idem.

\* Idem.

metaliza-se em cor de madrepérola. O positivo toma uma cor arroxeadada, fraca, nevoenta.

– Operei com banho de prata a 6<sup>a</sup>), sulfato a 4, segundo o conselho do C.... Modelo: Júlia – 3 da tarde – 20 segundos – fraco. 2.º, 25 – cliché regular. Positivo fraco e também um pouco arroxeadado!... Tirei alguns a mim mesmo. Todos metalizados – velados. É que o banho de prata está ácido, ou alterado por qualquer motivo? É certo que nem o cianeto enérgico era capaz de o desmetalizar.

Voltei ao banho antigo (8), sulfato, 6. 30, 60 segundos fracos. Estes não se metalizaram: o cianeto fixava-os a vapor – Que crer? Não te compreendo...

★

**29.** Prata a 7 – sulfato a 5. Um cliché, tirado pelo J. Minotes, aparentemente cerrado, deu um positivo arroxado. Metalizado também. para verificar se ambos os banhos, de 6, e de 7, estavam alterados, compus um novo de seis. Sulfato, 5. É a mesma coisa. O colódio da Brisson, a mesma coisa. Um revelado com ácido pirogálico, sempre refractário à revelação. Temperatura 20. É o diabo ou não?

O que havia de concluir era praguejar contra a objectiva; mas não é isso muito justo, se bem que eu não compreenda a razão porque dantes dava clichés a 7 e 8 e hoje nem com o dobro. Descansemos...<sup>a)</sup>

★

**31.** Banho de sulfato, composto cruporose e vinagre dá os mesmos resultados, que o banho antigo. A princípio supus que os dava superiores, mas... desenganei-me que a diferença é quase nula. Não se faz nada. Estamos em pleno eclipse, como antes da vinda do Novais, e então resumamos:

Banho de prata de 6 até 10, igualmente bom. Banhos reveladores bons. Colódio bom. Por exclusão da prata, o mal ou vem da objectiva ou da temperatura – sendo que qualquer dos factos tira à placa a sua sensibilidade, seja por que causa for. Mandei pedir um objectivo inglês ou alemão, a contento. Experimentá-lo-emos e veremos.

---

a) Com que pesa-sais? Um está errado 2 graus.

a) E os véus?

É preciso também fazer o colódio certo.

### Julho 3.

Hoje 3 clichés com diferentes colódios e noutra exposição – no lado do quiosque voltado contra a diagonal da casa, sem reflexos, por serem as 4 da tarde – deram-me resultados regulares e que me levam a crer que o defeito é dos reflexos da areia amarela – cor retardatária por excelência. Colódio meu – 25 segundos regular. Colódio Tomás 25, um pouco melhor. Colódio alemão, 25 – 40 fracos. Este colódio ou precisa do banho de prata enérgico, ou do reforço de iodeto.

O mal em suma vem da luz, porque os dois piores clichés têm seu vigor, e nitidez ao mesmo tempo. Foram todavia reforçados com bicloro de mercúrio. É preciso, porém, vigiar este reforço. Não sei se espessa demais a camada metálica e lhe danifica as meias tintas.

Mandei pedir a receita de colódio ao C..., mas o homem desencontrou-se comigo e não sei se lhe sobeja vontade de azar este encontro.

**NB. 4.** O mal vem da luz. 1.º Precisa-se de luz de certa intensidade. 2.º luz pura, sem reflexos amarelos, e doce ao mesmo tempo. Eis o resultado das minhas observações e experiências.

★

**5.** Trabalho na rua pegada à câmara escura. Pano de fundo branco, mais nada. O meu colódio e o colódio Tomás deram-me os mesmos resultados – nenhum, mas dum modo estúpido. Os clichés desde 22 a 80 segundos davam só positivos! Dois saíram velados. Sabidas as contas, era *talvez* porque a luz lhe entrava na câmara escura por aberturas que deixa a objectiva e que se vêm perfeitamente, sem o vidro despolido; mas fora disto, onde está o mais?! Que significa este desandar absurdo?... *On y voit goutte...*

– Operando da câmara escura contra o quiosque, por mais que forçasse a exposição, tudo positivo.

– De tarde – idem com o primeiro colódio meu – com o segundo pela receita de Bride e só com ioduro de amónio. Em ambos o colódio normal conservava uma cor avermelhada, de iodo solto, mas é certo que o colódio Tomás não avança mais. A respeito do colódio fiz de tarde um pela receita de Blanchere, menos o cloreto de cádmio. É

quase a de Monckhoven. Tanto o colódio normal, como os iodetos e brometos são quase incolores e o aspecto que toma a placa no banho de prata agrada-me verdadeiramente. Em 30 segundos deu-me uma vista do quiosque fraco; eram 5 horas. Vou deixá-lo repousar e trabalhar sobre esta base. Eis a dosagem. Colódio normal – 100 de éter – 40 de álcool – 3 pulmi-cotton. Álcool 50; iodeto de cádmio 7 gr. 50 dec.; Brometo de cádmio 1, e 25 dec..

Não o decantei. Filtrei-o por algodão, e na segunda filtração levava já os iodetos. Creio que deve dar um colódio muito regular, e é bom trabalhar sobre esta base certa, ainda que seja preciso forçar o banho de prata.

A minha teima hoje vira-se contra a objectiva. A Brisson não respondeu, não sei porquê. NB.\* Não há objectivas alemãs no Porto.

NB. A observação de que a objectiva deixa entrar luz na câmara escura deve ser tomada em consideração – e remediar-se inteiramente este inconveniente, cujos resultados podem e devem ser enormes. Amanhã darei conta da mira.

2 NB. A luz furtada que entrava na câmara escura pode explicar o velado dos clichés e ainda a retardação da revelação. Devo, porém, advertir que só uma vez a placa me enegreceu de repente, dando-me a conhecer a existência desta luz importuna. Eu disse atrás que os clichés eram todos positivos, mas não é precisamente isto, porque alguns não ficavam transparentes, nem opacos, nem brancos, e verdadeiro preto é que era impossível compor senão aos raios.

★

**7. Remember!** Hoje de manhã, das 8 às 11, o modelo fui eu o operador o R. de Menezes. Nada. Os clichés brancos; apenas com o colódio alemão tomavam a cor amarelada do costume. O modelo visto no vidro despolido (ao pé do quarto escuro), apesar de ter docel vermelho (fundo branco) não tem nitidez que preste. É que a excessiva brancura do pano de fundo chama ali toda a força da luz? Aqui está o que prova alguma coisa neste sentido. A última experiência foi sobre o quiosque<sup>a)</sup>. O cliché saiu fraco, mas obediente ao revelador. De tarde operei no patim – modelo a Ermelinda. Nitidez admirável no

---

\* Anotação posterior.

<sup>a)</sup> Notar a posição da máquina.

vidro despolido (4 horas). Os clichés saíram fracos, mas obedeciam à revelação. Logo, não se excomungue a objectiva. A questão é da luz, da luz.<sup>a)</sup>

NB. Chevalier diz que a melhor luz é até ao meio dia, mas que os retratos tirados das 2 às 5 saem mais harmoniosos, se bem que de tarde a luz seja mais amarela.

**8.** As experiências de hoje acabam de me provar que a objectiva nenhuma culpa tinha das calúnias que lhe assaquei. Era a luz, e nada senão a luz. É preciso todo o cuidado com esta dama caprichosa. Todos os clichés com o meu colódio Blanchere acudiam regularmente ao revelador. Insisto um pouco na opinião emitida ontem – a extrema brancura do pano de fundo é uma luz tão intrusa que *narcotiza* a sensibilidade da placa ou, impressionando-a demasiadamente em relação ao modelo, chama para lá todo o revelador. É também este o efeito que produz no vidro despolido, onde o modelo se vê como secundariamente.

**Colódio.** O meu colódio (Blanchere) não está bom. Deu-me duma vez malhas, que eu atribuí a películas de prata, quer do banho de prata quer decerto do banho redutor (sulfato).

Doutra vez foi uma rede uniforme em toda a placa.

Atribuí este defeito ao excesso de éter. Alcoolizei-o e ficou melhor. Provava também este excesso a excessiva aderência da película ao vidro, aderência que diminui excessivamente, depois de alcoolizado; mas esta correcção revelou-me outro defeito. Como tive de agitar o vidro para fundir melhor o álcool a primeira prova apareceu-me com pontos brancos, que o fixador dissolvia. Cuido que Blanchere dá a explicação. São moléculas de iodeto e brometo que se não dissolveram no álcool que a água das lavagens dissolve. Nos outros vidros do meu colódio aparecem resíduos de iodetos, por eu desprezar a receita que manda dissolvê-los em almofariz com álcool. De resto, o colódio dá a imagem *enforcie*, e pouco fina. No entanto é sobre esta base, corrigindo-a sempre que convém trabalhar.

★

**9.** Ontem, decerto desde que troquei o banho novo, de prata pelo velho (de oito) as placas com o meu colódio Blanchere – saíram, como

---

a) Notar a posição da máquina.

hoje zebrados. Blanchere insinua que é do álcool, que pela sua oleosidade não deixa que o iodeto ataque o sítio que ele defende, sendo necessário demorar mais a placa no banho sensibilizador. À saída do banho nada se vê. Revelado com sulfato ou com ácido pirogálico este defeito é sempre o mesmo. O notável é que o colódio do depósito (sempre Blanchere) que deveria ser pouco alcoolizado, porque o do vidro pequeno, saído deste modo, por me apresentar indícios de excesso de éter, tive de alcoolizar, apresentou o mesmo inconveniente.

É que o banho velho juntou muito álcool das placas que tem sensibilizado, como opina o mesmo Blanchere. É bom fazer esta mesma experiência com o banho mais novo.

A coisa não é como o mundo de .....\* ..... : não marcha.

★

**13.** O colódio Blanchere foi reforçado uns 300 gr. com 40 de álcool, 40 de éter. Dá-me resultados muito, muito regulares e estou convencido de que com algumas correcções mais posso fazer dele um bom colódio.

Creio em primeiro lugar que a dose de algodão, e a dose de iodeto é forte de mais. Entre éter e álcool tem mais 100 gramas e ainda o pendor não é de excesso. Quanto aos iodetos, que esta porção de líquido abateu, de certo ainda, a meu ver, há excesso. No princípio a placa branqueava mais, e ainda hoje depois da formação do iodeto de prata sai-me um pouco opaca, e o cianeto mesmo novo não a ataca como convinha. O cliché não apresenta também a extrema fineza que lhe eu almejava, mas excepto nos clichés do D. Jerónimo, Eduardo e Joana, o colódio Tomás não me dava mais. Como corrigir este meu defeito?

**2.º Colódio.** Dos vidros do colódio Tomás e outros que estavam feitos gelatina e que eu até hoje tenho como refractário ao éter, fiz um colódio, cujos efeitos vigio. O éter em quantidade dissolvo-o e é certo que a *gelação* do colódio é a evaporação do éter. Este colódio dá certa fineza, mas às avessas do colódio Blanchere, é falha de certo de iodeto. Tomou uma cor de casca de ginja, enquanto o Blanchere tomou uma linda cor loura.

---

\* Palavra ilegível.

Este colódio é mais lento que o Blanchere, mas o cianeto deixa-o transparente.

**Objectivo.** É preciso concluir que a objectiva tem coisa. A falta de fineza dos clichés vem em parte da fraqueza das lentes que não concentram bem a luz.

Com o colódio Tomás, uns de 20 segundos nada de trabalho. Com o Blanchere sucede o mesmo.

É preciso comprar um bom objectivo...

★

**16.** O defeito essencial era do colódio Blanchere, como fica atrás indicado, a irrefractibilidade ao fixador. A imagem ficava quase sempre *enforcie*. Blanchere tinha prevenido este inconveniente. Fui eu que o não li com atenção. Estes defeitos vêm de exposição de mais. Eu dava-lhe 30 a 40 segundos. Dei-lhe 11, ao meio-dia. A revelação fez-se bem. O cianeto deixava a placa admiravelmente transparente; uns ensaios repetidos neste sentido não me dão vigor ao retrato. O cabelo fica invisível – a imagem destaca pouco do pano de fundo. Saímos, pois, de Cila para cair em Caríbdis? É bom, pois, conhecer esta manha. A exposição longa torna opaco, eu direi irreduzível, o iodeto de prata. O alutado persiste nos transparentes, apesar da energia dos reagentes. Seja o que for, por enquanto a Esfinge zomba de nós.

– Um retrato da Ermelinda, tirado no dia 13, ficava na prova positiva, extremamente avermelhado. Tinha tido 20 segundos e colódio Blanchere, revelador sulfato – bem gravado – mas com o defeito que disse. Lembrei-me hoje de o passar por uma dissolução de bicloreto de mercúrio. Ficou um retrato muito regular e sem que o mercúrio danificasse as meias tintas. A exposição na prensa, neste processo, pode ser muito mais longa.

Nada de perder a paciência.

★

**17.** Hoje com diafragma (meu), colódio Blanchere, modelo Ermelinda, exposição 30 a 35 segundos, cliché regular um pouco fraco, distância maior. Para neutralizar o calor, molhei a tampa do chassis. Tenho notado que os primeiros clichés vêm sempre melhor. Eram 1 ½ horas. As seguintes experiências não me deram bom resultado. O

modelo, verdade é, era eu mesmo. Experimentei também o colódio Tomás (reconstruído). Parece fraco em iodeto, e resolvi-me a reforçá-lo com um velho iodeto de cor carregada (amónio?). Eram 5 horas, e o colódio agitado deu-me uma placa de trapos e \* . Iodorei também mais o meu. Mas a agitação do colódio deu-me manchas. A coisa a obter é que o cabelo se desenhe. Como consegui-lo é que ninguém me diz. Sendo o preto a negação da cor = ao vermelho, amarelo, etc., seria necessário carregar a dose dos brometos?

★

**18.** Abaixemos o banho de prata, para saber se o mal é de iodeto de mais ou de menos no colódio. Ao mudar os banhos, notei o que o com que trabalhava e eu supunha a 10 estava a 15. Abaixei outro banho a seis. O resultado era nulo. Com os colódios muito iodorados, nenhum resultado. Mudei para o banho a 15. Os colódios atenuados saíam negros, e alguns azuis-negros. Nestas trocas baldrocas e supondo o colódio intacto muito iodorado atenuei-o com talvez 40 de álcool no frasco grande, que conteria 250 gramas. Todas as provas vinham fracas, apesar de prolongar a exposição até 90 segundos – advertindo que trabalhava das 4 às 6 horas.

Entendi que o colódio precisava de reforço de iodeto, e para proceder com segurança dissolvi ioduro de cádmio a 20%, e em 60 de colódio lancei-lhe 4 decigramas no copo graduado do ouro. A única prova, às 6 horas, com um tal colódio deu-me um cliché que tem de notável a barba um pouco bem desenhada, e, se bem que fraco, um pouco regular.

O ioduro de cádmio é perfeitamente incolor. É claro que a cor palha que tinha o outro lhe vem do brometo.

Creio que as experiências estão em bom caminho.

★

**19.** Não há a registar senão insucessos, e, por desgraça, factos pouco averiguados.

Dos três colódios principais da experiência: Blanchere, Tomás (reconstruído), alemão, aqui está o que resultou. Mudei-lhe o banho de

---

\* Palavra ilegível.

15 pelo de 6, que apareceu a 8. Estes saltos fantásticos também são para registar e fazer perder a tramontana. Acrescentei aos 60 Blanchere mais quatro centímetros de iodeto. Pior. Quatro centímetros de iodeto cádmio acrescentado ao colódio Tomás. Pior. O aumento dos iodetos fez-se notável. Sem eles a placa vai azulando pouco a pouco até ganhar um branco azulado. Com reforço de iodetos, fica branca amarela, a cor de creme, de que muito gosta Blanchere, que para mim não me tem sido de bom agouro. Atirei aos resíduos os 50 Tomás assim iodurado. O colódio Blanchere lá fica com mais 8 decigramas de iodetos.

Com o aumento do iodeto (?), a placa apresentou-me as zebras da madeira. É do iodeto? É do excesso do álcool? É falta de álcool? Outros apresentam-me *tramos*, que o revelado carregava mais e mais. Fotografemos estas placas, já que não podemos fotografar outra coisa.  
*Tramos:*                    *Veias:*                    . A explicação mais racional das veias é a de veias de álcool que não dão acesso ao revelador. É depois da revelação que elas mais se notam.

Estava morto pelo colódio Tomás que comprara. Sem isto é escusado lutar mais. É possível que o culpado de tudo seja o maldito calor que vai.

O colódio alemão, que deixei intacto, continua a ser refractário à revelação. Calor?

★

**21.** Como o Rodrigo Menezes foi para Coimbra mandei-lhe explorar as receitas do Nogueira e Atkinson, que ele conhece, achando todavia melhores os retratos do José Maria dos Santos. Tudo é um; este último é continuador dos dois primeiros. A resposta diz isto.

Negativos: colódio Tomás. Banho de prata e reveladores os indicados nas etiquetas dos vidros de colódio: a saber. **Banho de prata:** nitrato 1½ onça; água destilada 20 onças; iodreto de potássio 1 grão. **Banho de ferro:** sulfato ¼ de onça; ácido acético ¼; álcool ½ onça; água destilada 8 onças. **Banho pirogálico:** ácido pirogálico 6 grãos; ácido acético ¼ onça; água destilada 6 onças.

A onça tem 28 a 30 gramas – diz-me o meu informador num NB.

Positivos (segredo) Cloreto de ouro 1 grama; água destilada 7 onças. (à parte) 210 gramas.

Fosfato de soda (saturação); água destilada 4 oitavas (á parte) (15 gramas). Para uma folha de papel: 4 oitavas da solução n.º 1; 2 do n.º 2, em 4 de água destilada, deixando misturar-se durante meia ou  $\frac{3}{4}$  de hora.

Fixador: 1 onça de hipossulfito; 4 onças de água comum.

Para esfumar, vidros especiais, de que um veio com a amostra.

✱

Não se apura um colódio. Não há sensibilidade a *ponto*. Sabe-se, somente, que iodeto de menos dá uma placa verde – de mais branca. Mas que se lhe dê a cor opalina isso não basta. Ao diabo o colódio e o calor...

✱

**24. Colódio-Ballestre.** Mestre André fazia cabeleiras, eu faço colódios. O colódio Ballestre tem as seguintes doses: 80 éter – 40 álcool –  $1\frac{1}{2}$  de algodão. As proporções do éter e álcool são de Monckhoven, a do algodão é de... *nullus*. Iodetos – amónio, 3; potássio, 3; brometo de cádmio, 1; álcool, 100. Leva 15 desta solução para as 120 de colódio normal, notando que 50 de álcool (fiz meia receita só de iodetos) não pode dissolver todo o iodeto, principalmente o de potássio.

O colódio foi começado às 4 da tarde, e começava a trabalhar às 5. Primeira prova, 50 segundos fraca, mas nítida. Segunda de 60, mais fraca.

NB. Esta segunda prova, ao reforçá-la com ácido e prata enfraqueceu. Ao inutilizá-la, passando com os dedos por cima do colódio, parte do véu desapareceu, e dir-se-ia que a imagem, quase positiva, estava por trás do vidro. É preciso muita cautela com os véus.

NB. A primeira prova foi reforçada com bicloreto de mercúrio, e hipossulfito de soda. Como mo dissera Blanchere, o hipossulfito vira a prova para um negro visível; mas obter um cliché sem estes remédios extremos é o que se trata de indagar. "Pelo que vejo – dizia o Domingos – passas a vida a tirar retratos a ti mesmo". Parece-o!

★

**25.** Hoje ao fim de várias experiências com vários colódios, misturei-os todos para acabar com a tentação. Colódio Blanchere, Ballestre, Tomás reconstruído, outro velho, degelado, caiu tudo no bojo dum grande vidro. Só escapou o colódio alemão. Todos eles me davam provas iguais, quase nulas – insensibilidade desesperadora. Uma prova tirada com este colódio-farrapo deu-me um cliché torpe, cujo véu lhe tirei com o dedo. É uma espécie de limo que se forma sobre a imagem.

Um colódio com iodo para sensibilizador não deu nada, se bem que a camada tomasse uma ligeira cor azulada no banho de prata. Estou com vontade da chegada do colódio Tomás, para entender melhor esta infelicidade nunca vista, nem ouvida. Então eu a queixar-me dos colódios e o mal vem do banho de prata, ou dos banhos reveladores? Não sei. Sei só que começo a ter vergonha deste *statu quo*.

★

**27.** Chegou o colódio Tomás. 3 provas. 1.<sup>a</sup> de 20 segundos (exposição de mais) – 2.<sup>a</sup> de 10, 3.<sup>a</sup> de 5. As de 5 e 10 regulares; ambas um pouco fracas, mas duma fraqueza *sui generis* – uma espécie de porosidade. A camada saiu *monotonée*. O colódio decerto se ressentia ainda dos abalos do carro. Apresenta um aspecto sobre o verde. De tarde, quando mais fresco e repousado, continuarei as experiências com ele, e o meu.

– As experiências dão mal. Os clichés saem velados. É uma espécie de limo. Vem ele do sulfato? Mudei o banho de prata, supondo que o mal viesse com ele. A mesma coisa.

O certo é que a revelação é quase impossível. O véu perturba o revelador de lhe chegar, e do mesmo modo o fixador. É luz que entra na câmara escura? no quarto escuro? *On y voit goutte*.

★

**28.** Questão de mira!... Os clichés não revelavam, porque saíam velados, e o véu vinha-lhes da luz difusa, tanto ao levar e trazer o chassis, ao sensibilizar talvez e ao revelar mesmo. Tiraremos isso a

limpo. Envolvi o chassis em baeta. 15 segundos com o colódio Tomás – nítido e nada de véu. Com o meu colódio-farrapo a mesma coisa!...

Logo fugir da luz; prevenir o quarto escuro desta invasão e... mais nada...

– As provas tiradas à tarde (4 horas) dão o mesmo resultado. Para mim hoje é de fé, que a doença, antes da vinda do Novais, era esta e não outra. A mira era inocente. Além de ser inevoado o dia, o chassis ia coberto com baeta. É possível mesmo que a madeira, por porosa, deixe passar a luz. Cuide-se a trabalhar com a luz, visto que a luz por vidros não permite Odescobrir qualquer investida de luz de fora. O que cumpre é arranjar um candeeiro com abat-jour amarelo.

★

**30.** Ainda não sei dar boa conta de mim. Ontem e hoje tenho andado com inimigos encobertos. Ontem os clichés vinham sem véu, mas um pouco fracos. Os brancos, porém, não vinham nunca limpos, como sucede quando o cianeto come todo o iodeto. Hoje era às avessas. Os brancos vinham limpíssimos (partes naturais já se vê), mas a revelação fazia-se mal. A posição era de costas para o campo e por pano de fundo uma cortina vermelha muito permeável à luz. A falta de revelação aborrecia-me. O último cliché foi revelado com ácido pirogálico. Veio muito melhor. A razão de o revelar com ácido é porque o sulfato ao compô-lo, com água simples (pela primeira vez) tinha-se decerto decomposto; porque, longe de apresentar a com avermelhada, apresentou-a branco-amarela, com escórias no fundo do frasco. A luz que atravessa o pano de fundo também deve prejudicar à sensibilidade da placa. Convém amanhã compor um banho de sulfato bem puro e experimentar. O Rodrigo de Menezes chegou hoje e trouxe-me um vidro de esfumar, que – diga-se de passagem – não dá um resultado muito admirável. Emendou a minha conta do banho de prata, que eu lhe dissera dar a 13%, se a onça inglesa fosse de 28 a 30 gramas, mas que efectivamente é de 6,25%. Pus o banho a 7% e foi assim que trabalhei hoje. *Quousque tandem?*

★

**31.** Quis trabalhar pelas indicações da etiqueta dos frascos de colódio Tomás. O banho de prata a 7% (15 no pesa-licores). O banho

de sulfato dava  $\frac{1}{4}$  de onça de sulfato – 8 de água; pouco mais ou menos a 3%. Compu-lo assim; mas o resultado era nulo. Dobrei a dose. O primeiro cliché (da Júlia) pareceu-me admirável de nitidez (trabalhei com vela). (15 segundos, no patim, sem cortinas, muito fora, 1 da tarde); no entanto está fraco. Quis depois reforçá-lo com ácido pirogálico, como aconselha Belloc. Nada de mudança sensível. Com hidrocloreto de mercúrio, o reforço consistiu em enegrecer mais o escuro, mas o vigor real não aguenta.

É que a exposição foi de mais e deu-se o anfipositivismo, de que fala Blanchere? Aqui estão factos. Em seguida tirei dois ao padre Joaquim. O 1.º de 15 segundos; o 2.º de 12. O 1.º estava decerto com exposição demais: as linhas dos olhos mal aparecem – O 2.º, um pouco mais fraco está um pouco mais nítido; mais escuro. É preciso conservar fielmente os mesmos banhos e experimentar amanhã com menos exposição. Os trabalhos foram feitos com o colódio Tomás; mas na cor não se distingue do meu; nos resultados também não há-de ser grande a diferença.

★

Agosto.

**1.** As experiências de hoje saíram-me goradas. Só comecei a trabalhar depois das 3 da tarde. O dia estava enevoadado e frio. O modelo foi a Joana. 1.º cliché de 20. Nítido, mas muito fraco. 2.º 25 a ácido pirogálico fraquíssimo. Forçado com prata deu-me um positivo! 3.º de 25 fraco. Mas toda essa fraqueza á excepcional – dir-se-ia que lhe vem pela exposição de mais...

É preciso explorar a exposição curta...

★

**2.** Por me lembrar que o reflexo da tangerineira, e árvores do campo poderiam *narcotizar* a luz, assentei a barraca ao ângulo sul do quintal perto de casa. Como me sucedeu da outra vez, o cliché não revela! Os escuros naturais ficam limpos pelo cianeto, mas sem um pelo de barba ou de cabelo! O fundo era o zinco pintado que sai branco. É luz demais, mormente a que lhe reflecte da areia? Não apurei nada. De tarde ás 4  $\frac{1}{2}$  tirei um cliché à Ermelinda no patim.

Veio fraco. Forçado o reforço com prata e ácido pirogálico o cliché metalizou velando-se atrozmente. Mais tarde pretendo tirar-lhe o véu com um pincel molhado em hipossulfito de soda (o cliché seco). O véu saiu-lhe, mas o cliché ficou como se via pelo avesso como a daguerreotipo, e no positivo nada!

De dois clichés que tirei a mim mesmo no mesmo dia dos do padre – sem envernizar – e maior alteração. O reforço de prata velou-se. Apesar do véu via-se-lhe certo vigor, e vai dar um positivo muito regular. Teve 12 segundos de exposição e veio fraco. Outro de 15 e sem violência de reforço deu um positivo um pouco fraco. Reforçado hoje com prata e pirogálico, ficou denso demais, dando claros *acaleados*. Está ainda em exposição.

– A previsão verificou-se. Vigor demais, e é preciso assentar nisto. Quando o reforço não vigorizar o cliché por igual é abandoná-lo. Não há reforço que reduza prata, onde a impressão luminosa não chegou.

Eu obstino-me a crer, 1.º que o mal vem da luz amarela e verde. 2.º que o vidro amarelo das lentes favorece. 3. Da muita exposição. Devo advertir que o cliché do padre de 15 segundos tem o cabelo perfeitamente desenhado. O resto está chato. O banho de hoje era a 8. Voltemos ao banho de 7 e tentemos menos exposição e forcejemos por evitar os reflexos amarelos e verdes, de que o cliché da Joana se ressentia decerto, porque o modelo tinha uma cor perfeitamente verde. O cliché da Joana, apesar de tudo está doce. O 2.º ficou, como o do padre, cerrado e sem vigor, sem que o cabelo pudesse desenharse!...

– *Quousque tandem?*

★

4. Aqui está a minha convicção. O mal é todo da luz, amarela e verde. Para tirar um cliché tal e qual é preciso aproveitar toda a luz possível; e aí está a razão, porque dentro do patim seria precisa, e tem sido, uma exposição espantosa. É preciso um objectivo menos amarelo – isso compra-se. Luz branca é que se não compra.

Deixemos por hora em paz as fotografias. Ao voltar de Leça veremos isto, e faremos tentativas no inverno. *Amen*.

★

– Novembro 30 –

O C... deu enfim a sua receita de colódio. Dois são eles que, misturados dão, diz ele, um óptimo resultado.

**Colódio-Crozat (C...)**

1	Éter (60° a 65°)	1000
2	Álcool (40° a 42°)	500
3	Algodão	20
4	Iodeto de Cádmio	10
5	" de amónio	10
6	" de potássio	10
7	Brometo de cádmio	5
8	" de amónio	5
9	Álcool (40° a 42°)	500
0	Iodo puro	1

A 1, 2, 3 entram por sua ordem num frasco; agita-se até que a 3 fique dissolvida.

Dissolve-se a 4 e 7 num almofariz, em álcool reservado (dos 500 de certo); dissolvidas lançam-se em 2.º frasco. O mesmo com a 5 e 8. O mesmo com o 6 no resto de álcool. Vaza-se o conteúdo deste frasco no 1.º; agita-se um pouco. Lança-se-lhe o n.º 10 (iodo) agita-se e deixa-se repousar às escuras por 10 dias.

**Colódio Fritz<sup>a)</sup> (C...)**

Éter	600
Álcool	400
Iodeto de potássio	2
" de amónio	4
" de cádmio	6
Brometo de cádmio	3
" de amónio	5
Algodão (segundo a sua espessura)	20

Com o Crozart partes iguais...

a) É uma das receitas de Davanne N.V.Forembris.

**Nota.** o 1.º tem 1½ % de iodetos, um 3.º (em relação a estes) 1% de algodão.

O 2.º tem 1,2 decigramas % de brometos; 1% de algodão.

### **Receita de Lisboa**

Éter	130
Álcool (40º)	100
Algodão	30
Álcool	100
Iodeto de Cádmio	2,5
" de amónio	0,5
" de potássio	0,7
Brometo de cádmio	0,2
" de amónio	0,1

Algumas gotas de iodo a 5%.

44 gramas de sensibilizador para 100 de normal.

### **Colódio Instantâneo (Relvas)**

Álcool (de 40º )	500
Éter	500
Algodão	10
Iodeto de amónio	5
" de cádmio	5
Brometo de cádmio	1
" de amónio	1

Algumas gotas de tintura de iodo.

### **Banho de viragem do mesmo**

Água	2000
Cloreto de ouro	1
Cloreto de cal	1

Emprega-se 8 ou 15 dias depois de preparado.

[CONTINUA]